



Trabalho Completo

**POSSIBILIDADES E DISCUSSÕES NA PEDAGOGIZAÇÃO DO ESPORTE: UMA
BUSCA DURANTE A PRÁTICA DE ENSINO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

Silvan Menezes dos Santos¹

Cristiano Mezzaroba²

¹Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

²Universidade Federal de Sergipe (UFS)

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física (EF) no Brasil é uma área de atuação que ainda vive um momento de reflexão acerca e definição quanto ao seu campo de atuação na sociedade e principalmente no âmbito escolar no que diz respeito ao trato pedagógico com os conteúdos delimitados à área, assim como: o esporte, a ginástica, a dança, os jogos, entre outros.

Contudo, a formação inicial de professores da EF convive com a tensão permanente da busca pelas possibilidades da constituição de um curso de formação de professores que atenda às demandas e necessidades da população na relação com o campo social que está vinculado à EF. No caso específico do esporte torna-se necessário uma breve compreensão dele na modernidade.

O esporte é um fenômeno que tem ganhado muita força no campo simbólico, político e econômico em todo o mundo. Sendo que tal manifestação, atrelada à espetacularização do fenômeno esportivo, tem provocado mudanças significativas no campo da EF.

São mudanças tanto no campo teórico e científico da área – no que diz respeito às teorias pedagógicas que propõem um caminho didático-pedagógico para a atuação na escola, além do esporte como objeto de estudo enquanto um fenômeno social – e também alterações no âmbito prático da EF escolar, que acaba posicionando-se no meio da linha tênue entre os diferentes interesses dos que a entendem como o *locus* da caça ao talento esportivo e dos que a compreendem como espaço para formação de sujeitos.

O universo dos grandes espetáculos, como Jogos Olímpicos, Copa do Mundo de Futebol, Jogos Pan-Americanos (JPA), que ocorrem de quatro em quatro anos e atraem o olhar de toda a sociedade mundial (ou continental, no caso dos JPA), é o espaço e enquadramento por onde circula todo o fenômeno social que se tornou o esporte. Aspectos políticos e econômicos que com o passar do tempo transcenderam os espaços dos eventos e transformaram o esporte numa mercadoria de consumo em massa. Fato que, conseqüentemente, contornou os muros das escolas e impregnou-se naquele componente curricular que tem o esporte como seu conteúdo, ou seja, a EF.

A partir de tal problemática, em meados da década de 1980 ao início dos anos 90, os estudiosos e pesquisadores da EF passaram a refletir sobre tal questão com maior vigor, já que o esporte era a prática contemplada e trabalhada na disciplina escolar até então. As reflexões resultaram em teorias e perspectivas educacionais divergentes, criando assim um confronto de ideias. Porém, essas ideias, críticas e as sugestões de renovação do trato com o esporte na escola não foram e ainda não são, passados 30 anos da criação das concepções críticas, práticas verdadeiramente efetivadas – o que mostra, ainda, o distanciamento entre teoria e prática e entre universidade e escola. Toda a reflexão e a transformação pensadas para a prática docente com o conteúdo “esporte” da EF, ficou, por enquanto, numa mera “especulação” acadêmica, com raros episódios de efetiva concretização de propostas mais progressistas voltadas à pedagogização e transformação do esporte na escola.

A EF atual se encontra num momento em que algumas propostas críticas propõem formas didáticas e metodológicas a serem trabalhadas no esporte da escola, mas tudo ainda em uma abordagem teórica. Os trabalhos práticos efetivados e que se tornaram públicos¹ para o campo da EF são muito escassos para a dimensão do fenômeno em questão. Sem contar na necessidade cada vez maior – considerando-se o contexto brasileiro, por sediar Copa do Mundo e Olimpíadas logo mais – em esclarecer os sujeitos que estão em formação humana para viverem e conviverem com o fenômeno que cada vez mais cedo se apropria dos sujeitos envolvendo-os em prol das intenções e propostas mercadológicas do espetáculo esportivo.

Portanto, este é o relato de uma pesquisa que assumiu o caminho sobre a pedagogização do esporte na escola, no intuito de buscar possíveis percursos e estratégias para efetivar elementos da perspectiva crítica em relação ao esporte no ambiente escolar. É uma experiência realizada no contexto de uma disciplina de Estágio Supervisionado do curso de formação de professores em EF da Universidade Federal de Sergipe.

Ainda sobre tal pesquisa, é necessário pontuar mais algumas coisas em relação às implicações da formação profissional em EF nos sujeitos escolares e na própria prática pedagógica dos professores que atuam com este componente curricular na escola.

Para isso, seguimos pressupostos da *teoria da socialização ocupacional*, segundo Costa (1994), o qual considera que a formação ocorre em todas as etapas da vida, não apenas no momento da formação inicial, mas também as experiências anteriores (a fase anterior à formação); a própria formação inicial (fase de aquisição dos conhecimentos científicos, técnicos e pedagógicos – sistematizados academicamente); o terceiro momento que seria a fase de indução (em que os professores são ajudados a iniciarem o exercício da função docente); e por último, a fase de formação em serviço (em que se espera, a partir da integração das mais variadas atividades de formação, uma promoção do seu desenvolvimento profissional e melhoria da qualidade de ensino).

Assim, é importante pensarmos na qualidade das intervenções pedagógicas que realizam a chamada “transposição didática” no campo da EF escolar, neste momento da formação inicial, em que os acadêmicos, incorporando e assumindo a postura de professores em formação, vão ao campo escolar experimentar possibilidades criativas,

inovadoras, críticas e questionadoras em torno dos conteúdos desta disciplina. A partir não só do que foi assimilado na formação inicial, mas também de suas próprias experiências antes de adentrarem ao curso de licenciatura em EF, permitem-se pensar em práticas educativas que extrapolam a visão tecnicista da EF, sem excluir, por exemplo, aquele conteúdo que, talvez hoje, seja considerado o hegemônico da EF na escola, ou seja, o esporte e suas manifestações.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por se tratar de uma questão relacionada com circunstâncias sociais inseridas na realidade cotidiana das aulas de EF e configurada por representações sociais, a pesquisa teve uma abordagem qualitativa (MINAYO, 2008).

A pesquisa de campo foi do tipo descritiva com observação participante. Método de pesquisa que é destacado como parte essencial do trabalho com abordagem qualitativa por Minayo (2008), pois segundo ela permite a compreensão da realidade.

A escolha da escola pesquisada foi pensada de forma bem cautelosa, devido ao tipo do próprio trabalho que foi contemplado na instituição. Quando se trata de esporte, existe uma demanda muito grande com relação ao espaço, ao material de trabalho, vários fatores que foram analisados atentamente antes da definição do local.

A instituição de ensino escolhida foi o CODAP/UFS – Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Por alguns motivos simples e convenientes como a facilidade de acesso à escola – por estar dentro do próprio campus da universidade, a especificidade da mesma em estar à disposição da universidade para pesquisas e experiências científicas, também por ter sido o colégio no qual ocorreu a lotação como estagiário para a disciplina curricular *Estágio Supervisionado II* e por um motivo específico que permeia o conteúdo da pesquisa que é o esporte, pelo fato da escola possuir uma estrutura física e material mesmo que mínima para o trabalho com a prática esportiva.

As aulas de EF eram todas as sextas-feiras de 7h da manhã às 8h30, ou seja, eram duas aulas juntas, geminadas. A turma possuía 31 alunos, sendo 17 meninas e 14 meninos, com idades entre 13 e 15 anos.

Para alcançar os objetivos da pesquisa foram seguidos alguns procedimentos importantes para a visualização de verdadeiras possibilidades pedagógicas no trato com o esporte na EF escolar – a construção de uma unidade didática de ensino como planejamento da sequência de intervenções nas aulas. Foi elaborada uma unidade didática com um cronograma de 7 aulas que foram aplicadas com uma turma de 8º ano, sendo todas aulas relatadas em um diário de campo.

Após a realização das aulas e coleta de todos os diários de campos resultantes das intervenções realizou-se a análise dos dados/resultados da pesquisa. Análise que foi realizada de acordo com os preceitos da *análise de conteúdo* (BARDIN, 2006). Na sequência de toda a descrição das intervenções realizadas no campo, foram organizados os dados, delimitados em eixos temáticos de discussão e por fim relacionados reflexivamente ao referencial teórico.

Assim sendo, o primeiro eixo², *Mídia: suas estratégias e sua presença*, como o que mais enfaticamente apareceu nas falas dos sujeitos durante as intervenções; o segundo eixo, *A técnica esportiva x rendimento*, como um importante tema e que ocorreu principalmente nos momentos das intervenções práticas em quadra com os alunos; e por último o eixo, *A monocultura esportiva promovendo o afastamento dos gêneros*, por ter sido uma temática que permeou todo contexto das intervenções estando presente em vários momentos.

CAMPO DA PESQUISA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A pesquisa foi toda realizada durante as intervenções do Estágio Supervisionado como já foi relatado. Desde a construção de uma unidade didática de ensino com uma determinada temática, que neste caso como a investigação era relacionada com o trato pedagógico do esporte, o tema da unidade foi “O Esporte Moderno”, até a organização, planejamento das aulas e aplicação de uma avaliação final.

A experiência foi bastante válida, pois alguns conceitos muito debatidos na teoria no decorrer do curso de formação puderam ser visualizados durante o processo de estágio. Assim como a apropriação de conceitos e teorias de forma autônoma e crítica, por exemplo, ações próprias de um sujeito, ou melhor, de um autor da ação pedagógica quando da construção da unidade didática de ensino e na organização, planejamento e aplicação das aulas (CAPARROZ E BRACHT, 2007).

Aqui é importante destacar, também, conforme anunciado na introdução deste relato, o quanto o processo de formação se configura como algo que ocorre por toda a vida do professor, naquilo que a *teoria da socialização ocupacional*:

preconiza que o processo de aprender a ensinar é algo que ocorre durante toda a vida do docente, compreendendo diferentes tipos de influência, tais como as primeiras experiências na educação física e no desporto, professores, treinadores, pais, companheiros, as idéias dominantes sobre educação física e desporto, a formação formal, etc. (CARREIRO DA COSTA, 1994, p. 30)

O estágio apresentou-se como um espaço/momento rico para a formação, essencialmente por ser um espaço que permite refletir sobre as concepções didático-pedagógicas críticas da EF. Reflexão que corrobora para não entrar no paradigma que Caparroz e Bracht (2007, p. 25) afirmam que a partir do surgimento das concepções críticas “a prática dos professores passa a ser entendida como uma mera derivação das decisões mais gerais de uma pedagogia sociologizada e politizada”. A fuga desse paradigma que compreende sim que a atuação do professor deve ser intelectual crítica, porém antes de tudo autônoma e criativa tornando assim o conhecimento abordado mais significativo e emancipador (RODRIGUES, 1998).

Portanto, o estágio supervisionado neste caso mostrou-se bastante efetivo no que condiz com a sua deliberação nos cursos de formação de professores, que é a de oportunizar experiência no magistério para profissionais em processo de graduação. Mas será o estágio supervisionado somente no final do curso uma considerável opção de experiência de formação para o campo da EF? No caso deste trabalho a disciplina apresentou inclusive possíveis caminhos e discussões para um trato pedagógico “ideal” com o esporte na escola.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

RESULTADOS DAS INTERVENÇÕES: CONSTATANDO POSSIBILIDADES!

Organizamos e apresentamos a ordem dos eixos temáticos considerando-se a frequência de aparecimento e clareza nos depoimentos dos sujeitos desta pesquisa.

O eixo “*Mídia: suas estratégias e sua presença*” foi debatido a partir das teorias e discussões principalmente de Pires (2002) e Betti (1998). O primeiro autor por tratar do conceito de “semiformação cultural” e o segundo sobre a “falação esportiva”, ambos relacionando ao contexto dos alunos as manifestações do fenômeno esportivo contemporâneo, no caso, a mercadorização e a espetacularização do esporte.

Foram observadas e analisadas as relações dos sujeitos da pesquisa durante as intervenções com o esporte e com os objetos que compõem o fenômeno esportivo na atualidade. Destacou-se o forte vínculo dos alunos e sua prática com o que Betti (1998) nomeou de “telespetáculo esportivo”, que são os códigos e símbolos do esporte veiculados pelos meios de comunicação sendo incorporados no discurso dos sujeitos, assim como o “ídolo esportivo” comentado por Mezzaroba e Pires (2010). Um exemplo na pesquisa é quando os alunos associam a marca de produtos de higiene pessoal às figuras de Kaká e Cristiano Ronaldo, pois só conheciam os mesmos por causa das propagandas que já tinham assistido³.

Nesse primeiro eixo e mais presente nos achados da pesquisa ressaltaram-se as mediações culturais (MARTIN-BARBERO, 2008) proporcionadas a partir do discurso midiático interferindo diretamente no discurso e na prática esportiva dos alunos, resultando no que Pires (2002) chamou de “mediação tecnológica como substituição da experiência formativa” dos sujeitos. Os sujeitos abdicam do empirismo da cultura corporal de movimento para assisti-la sendo praticada por outro, desta forma incorpora, utiliza e naturaliza assim os produtos das marcas que são veiculadas e relacionadas ao evento esportivo na transmissão televisiva.

Portanto, os sujeitos da pesquisa apresentaram-se, de certa maneira, como “mais uma” das “vítimas” das estratégias da mídia esportiva. A naturalização e “intimidade” dos sujeitos para com os ídolos esportivos retratam a eficácia da construção e utilização dos ídolos esportivos por parte da mídia, principalmente nos seus interesses comerciais e mercadológicos.

O segundo eixo “*A técnica esportiva x rendimento*”, foi analisado a partir do conceito da “técnica corporal humana”. A técnica corporal humana é uma temática já muito discutida no campo da EF, seja em sua dimensão mais biológica ou mesmo biomecânica, ou mesmo, como vemos mais intensamente nos últimos anos, em sua dimensão sócio-histórico-cultural, mas muito pela forte relação que a prática esportiva tem com a técnica.

Essa relação entre a prática do esporte ligada ao rendimento humano e a técnica corporal foi discutida e problematizada na pesquisa a partir do conceito do antropólogo francês, Marcel Mauss, tratado por Daolio (2003), as “técnicas corporais”, vislumbradas e pensadas no viés da concepção crítico-emancipatória de Kunz (2000), a partir do “se-movimentar” humano.

No contexto da pesquisa foi a subversão dos valores simbólicos da técnica corporal singular dos sujeitos provocada pela hegemonia do esporte de rendimento frente ao esporte escolar a pauta da principal discussão nesse segundo eixo temático. O que foi retratado na fala de um dos sujeitos após uma aula:

A competição é boa para o esporte, mas não precisa passar por cima um do outro (ALUNO 5).

Um dado percebido foi a possibilidade desta singularidade da técnica corporal de cada sujeito. Como a intenção da intervenção desde o início era de tratar o esporte a partir de um conhecimento teórico acerca do fenômeno esportivo na modernidade em momentos principalmente de aulas práticas em quadra com modalidades esportivas, o gesto técnico esportivo (correto/errado) em nenhum momento foi o foco da intervenção e da pesquisa. Entretanto, até que ponto a capacidade técnica esportiva dos alunos é influente no desenvolvimento de um trabalho com esporte na EF escolar? Como tratar do ensino das modalidades esportivas sem considerar aquilo que caracteriza o esporte, que é o gesto esportivo e as suas *técnicas*?

Daolio e Velozo (2008, p. 12) contextualizam o sentido tradicional que a EF trata a técnica como algo “reduzido, fragmentado, mecanizado e racionalizado. A técnica tem sido vista tradicionalmente no ensino dos esportes por um viés estritamente mecanicista, no sentido de um meio que seja o mais eficiente para se realizar determinada ação”.

Será que não estaria a EF precipitada ao se preocupar estritamente com o resultado das ações dos sujeitos? E o processo em que se constitui a ação, o movimento e a técnica corporal dos sujeitos, não representa nada? Não tem nenhuma validade e significado educacional no processo de ensino-aprendizagem?

Durante as intervenções, alguns alunos apresentavam diversas dificuldades técnicas nos movimentos específicos dos esportes que foram praticados como: basquete, voleibol, atletismo, porém a forma, a singularidade, a subjetividade e a naturalidade na execução dos movimentos demonstravam-se muito importantes para os sujeitos. Principalmente, aqueles que não conseguiam executar o gesto técnico tido como o “correto” ou “perfeito” para determinada prática esportiva.

Os dados da pesquisa apontam para uma formação esportiva escolar com liberdade de construção técnica por parte dos sujeitos. Os educandos como autores e atores do seu próprio gesto técnico, valorizando assim a criatividade e singularidade do aluno. Não deixando de lado a consciência do gesto técnico específico consagrado no viés do alto rendimento. Porém, com as devidas precauções e prevenções para uma não-padronização e não coerção da dimensão simbólica da técnica corporal tradicional dos seres. Esta é a busca pelo ponto de equilíbrio entre as duas dimensões na formação dos sujeitos, talvez o desenvolvimento teórico e crítico acompanhado do aprendizado da técnica seja o melhor caminho para a questão.

A competição é algo inerente à prática esportiva, seja ela educacional ou de lazer. Porém o que tem de ser destacado é a técnica empírica corporal que representa a eficácia simbólica dos sujeitos. Entendendo o distanciamento e a aproximação que cada um destes aspectos ligados ao fenômeno esportivo no trato com o esporte na escola deve ter. A técnica ligada ao sujeito principal do contexto, o educando. A competição relacionada diretamente ao processo histórico e cultural do conteúdo em pauta na EF escolar, o esporte.

O terceiro e último eixo, “*A monocultura esportiva promovendo o afastamento dos gêneros*” permite-nos discutir acerca de como o esporte se manifesta no campo escolar dentro do contexto cultural dos alunos, além de uma análise sobre as problemáticas do gênero quando se observa o trato com o esporte no ambiente escolar.

A construção cultural esportiva do Brasil acontece muito a partir das veiculações e disseminação do que se constituiu socialmente e foi nomeado por Betti (1998) como “o esporte telespetáculo”. Positivamente para o desenvolvimento social, político e econômico que o esporte alcançou com o passar do tempo nesta associação com a mídia televisiva é algo inquestionável e suspeito a qualquer crítica, não fossem as estratégias persuasivas utilizadas pelos meios de comunicação em seus discursos.

Discursos estes que são permeados por interesses econômicos (sem deixarem de ser ideológicos e mercadológicos!), que acabam por desencadear algumas características citadas por Betti (1998; 2002) como “a polissemia esportiva” e “a monocultura esportiva”. Características discursivas da mídia televisiva que implica direta e fortemente no contexto cultural esportivo da sociedade e, especificamente, na EF escolar.

Durante as intervenções, apareceu de maneira muito forte como a monocultura esportiva está representada no âmbito escolar. Mesmo com a confirmação da professora da turma de ter trabalhado o conteúdo de outro esporte – o basquete – que não os mais veiculados na mídia nacional atualmente, como o futebol e o vôlei, durante uma unidade de ensino, os alunos solicitavam em vários momentos durante a sequência de aulas a prática de futsal e de vôlei.

Ah! Então quem quiser joga futsal de um lado e do outro quem quiser joga vôlei, num é professor? (ALUNO 11).

Outros momentos da pesquisa que enaltecem esta monocultura esportiva construída e influenciada pelo discurso midiático foram as inúmeras vezes em que os sujeitos citavam os nomes de estrelas do futebol mundial e do voleibol brasileiro, como *Messi, Cristiano Ronaldo, Kaká, Murilo e Jaqueline* (os dois últimos, do vôlei).

Portanto, poderíamos fazer a seguinte reflexão: será que a EF escolar não estaria como vítima indefensável⁴ da monocultura esportiva promovida e disseminada pela mídia?

Contudo, significa dizer que por mais que a mídia se utilize das suas estratégias mercadológicas no trato com o esporte, disseminando-o hegemonicamente de forma unitária e específica, a EF escolar possui evidentes possibilidades de subverter o encaminhamento direcionado pela mídia para uma formação esportiva escolar mais ampla e com uma maior diversidade de conhecimento de modalidades esportivas.

Ampliação de conhecimento que se mostrou durante a pesquisa muito necessária também, como possibilidade de interlocução para uma luz minimizadora da problemática do gênero⁵ nas aulas de EF. Nos momentos em que os alunos imploravam pela prática do futsal e do vôlei durante as aulas, as solicitações sempre eram feitas separadamente, os meninos com a bola de futsal em mãos e as meninas com a bola de vôlei. Deixando evidente como as práticas esportivas eram direcionadas de acordo com o gênero do sujeito.

É a desmistificação de alguns ditos populares, ou seja, do senso comum, que possibilitam a existência desta alteridade entre os gêneros (SAYÃO, 2002). Ou então, a saída é a EF buscar na multidisciplinaridade, especificamente na Antropologia, a solução para a dificuldade histórica em lidar com as diferenças (DAOLIO, 2003).

A EF, por si só, não tem capacidade teórico-conceitual para compreender e

subverter as problemáticas sociais de gênero e da monocultura esportiva. Os campos da Educação, da Comunicação Social, da Sociologia, da Psicologia e da Antropologia são universos científicos que podem abrir esta possibilidade educacional para a EF com diversas colaborações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa e as intervenções escolares, principalmente, promoveram uma boa gama de reflexões, discussões e possibilidades em prol do que se apresentou como problema a ser investigado e objetivo geral do trabalho. Destacamos, dentre outros aspectos, a importância e centralidade do papel do professor enquanto sujeito da ação pedagógica.

Considerando a prática pedagógica de ensino-aprendizagem de forma genérica, e não só relacionada e direcionada ao esporte, destacamos a necessidade da apropriação do conteúdo e da capacidade perceptiva e reflexiva por parte do professor. Esta colocação pode parecer redundante e óbvia, tanto para a EF como para a educação em geral, pela imensidão de afirmativas com esse teor em trabalhos científicos de ambas as áreas durante o passar dos anos. Porém, está instaurada neste primeiro aspecto considerado, a chave para o que visualizamos ser a porta de abertura para a efetiva pedagogização do esporte.

Por fim, consideramos que a EF é um campo de atuação e uma área acadêmico-científica que “acordou” para a sua especificidade pedagógica há muito pouco tempo, poderíamos situar a década de 1980 como marco inicial para tal fenômeno. Além desta “sonolência”, que agora, após trinta anos começa a realmente despertar, o campo da EF está lidando com um dos maiores fenômenos sociais da contemporaneidade, o esporte (e suas possibilidades transversais, ao se relacionar com “corpo”, com “performance”, com “saúde”, com “cultura” etc.).

Concordamos com Carreiro da Costa (1994), ao tecer suas considerações sobre a formação profissional/docente em EF, considerando-se a complexidade dos tempos atuais. Segundo tal autor,

É necessário empreender um verdadeiro esforço no sentido da construção de uma cultura profissional em Educação Física, procurando uma identidade em torno das missões e objetivos do nosso campo profissional, para que: - a divisão ceda lugar à colaboração e integração; - a desprofissionalização ceda lugar à profissionalização; - a exterminação e morte ceda lugar ao crescimento e desenvolvimento da Educação física nas nossas escolas (CARREIRO DA COSTA, 1994, p. 36).

Outro autor que nos ajuda a pensar nessas possibilidades de pedagogização do esporte nas aulas de EF escolar, a partir de um olhar crítico e embasado nas correntes progressistas da EF, é Moreira (1999, p. 93), que, ao abordar a questão do multiculturalismo e do currículo na formação docente, considera que “os problemas teóricos e práticos que nos afligem, ainda que devam ser enfrentados, não podem nos imobilizar e nos eximir do engajamento com os outros em uma luta, em uma história comum”.

Portanto, a busca por tal pedagogização do esporte não é tarefa fácil e muito

menos diretiva da EF e dos seus professores, apenas. No entanto, acreditamos que se começarmos a *veicular o nosso discurso esportivo e a singularizarmos a prática corporal esportiva* dos sujeitos envolvidos, e conseqüentemente *difundirmos e disseminarmos o conhecimento plural esportivo que temos*, teremos, a partir disso, alguns pressupostos já bem definidos, inclusive academicamente para seguir nesse *processo da pedagogização do esporte*.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. *Esporte na mídia ou esporte da mídia?* **Motrivivência**, Florianópolis, ano XII, n.17, 2002.

CAPARROZ, F. E.; BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, Jan/2007.

CARREIRO DA COSTA, F. Formação de professores: objetivos, conteúdos e estratégias. **Revista da Educação Física UEM**. Maringá-PR: UEM, vol.5, nº 1, 1994, p. 26-39.

DAOLIO, J. **Cultura: Educação Física e futebol**. 2ª Ed. Campinas: Unicamp, 2003.

DAOLIO, J.; VELOZO, E. L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a prática**, Goiânia, 11/1, p. 9-16, jan./jul. 2008.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RCBCE**, Campinas, p.71-83, mar. 2010.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2000.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MEZZARROBA, C.; PIRES, G. de L. O agendamento midiático-esportivo: considerações a partir dos Jogos Pan-americanos Rio/2007. **Logos**, Rio de Janeiro, UERJ, v.17, n. 02, p. 124-136, 2º sem. 2010.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2008.

MOREIRA, A. F. B. Multiculturalismo, currículo e formação de professores. In: _____. **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papirus, p. 81-96, 1999.

PIRES, G. L. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

RODRIGUES, A. T. A questão da formação de professores de Educação Física e a

concepção de professor enquanto intelectual – reflexivo – transformador. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 1, p. 48-58, 1998.

SAYÃO, D. T. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esportes e Lazer? **Motrivivência**, Florianópolis, XIII, n.19, Dez/2002. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/959/737> Acesso: 23 maio 2011.

¹A escassez é fundamentada em pesquisas nas tradicionais revistas eletrônicas da EF (Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Movimento, Motrivivência e Pensar a Prática) e também em anais de eventos nacionais e regionais do CBCE (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte).

²Os três eixos de discussão foram definidos devido à recorrência e intensidade das temáticas presentes no diário de campo.

³Os alunos referem-se neste caso às propagandas que esses dois atletas fazem de produtos de higiene pessoal, da *Gillete* prestobarba e da *Clean* xampu anti-caspa, comerciais que exploraram a figura dos ídolos futebolísticos.

⁴Fizemos tal questionamento por pensarmos e visualizarmos que a EF escolar tem ferramentas concretas de “defesa” contra as estratégias da mídia que são os seus conteúdos específicos e o projeto político pedagógico da escola como espaços de legitimação e força da área, além da possibilidade de mediação da EF escolar através do esporte, da própria mídia e da sociedade.

⁵⁵Gênero que, aqui, conceituamos a partir do que Goellner (2010, p.75) entende, que é “a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Em outras palavras, o corpo é generificado, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele”.